



# O Terramoto de 1755 em Terras do Sousa

JOAQUIM LUÍS COSTA<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Centro de Estudos do Românico e do Território | Rota do Românico.

## RESUMO

O estudo do Terramoto de 1755 tem sido direcionado, com razão, para Lisboa, o local mais fustigado. Contudo, outros territórios foram atingidos, embora em menor escala, em termos emocionais e destrutivos. Este artigo analisa como o evento foi sentido nos cinco concelhos das Terras do Sousa, baseando-se em notícia da *Gazeta de Lisboa*, num manuscrito do padre de Fonte Arcada e nas Memórias Paroquiais de 1758. Os dados permitem-nos concluir que o Terramoto provocou alguns danos materiais, sobretudo em Paredes, e teve um impacto social moderado, tendo-se tentado explicá-lo do ponto de vista religioso e não como um fenómeno natural.

## PALAVRAS-CHAVE

Terramoto de 1755; Terras do Sousa (1755); Memórias Paroquiais de 1758; Manuel Fonseca, padre (Fonte Arcada, Penafiel, século XVIII).

## ABSTRACT

The study of the Earthquake of 1755 has rightly been directed to Lisbon, the most battered place. However, other territories were affected, albeit on a smaller scale, in emotional and destructive terms. This article analyzes how the event was felt in the five municipalities of Terras do Sousa, based on news from the *Gazeta de Lisboa*, a manuscript by a priest from Fonte Arcada and the Parish Memories of 1758. The data allow us to conclude that the Earthquake caused some material damage, especially in Paredes, where it had a moderated social impact which was tried to explain from a religious point of view and not as a natural phenomenon.

## KEYWORDS

Earthquake of 1755; Terras do Sousa (1755); Parish Memories of 1758; Manuel Fonseca, father (Fonte Arcada, Penafiel, 18th century).

## 1. O Terramoto de 1755 em Lisboa e no mundo

O Terramoto de 1755 e os seus efeitos são, de um modo geral, conhecidos e têm sido amplamente analisados e discutidos. Não faltam relatos de quem presenciou a tragédia, bem como notícias históricas e diversos estudos, nas mais variadas áreas científicas, embora, por vezes, os dados sejam contraditórios.

O Terramoto é igualmente conhecido por “Terramoto de Lisboa”, por ter sido aqui que mais se fez notar. Contudo, este terramoto foi um evento global, sentido e noticiado em quase todo o mundo.

Antes de procedermos à análise do seu impacto nas Terras do Sousa, que constitui o objetivo deste artigo, impõe-se proceder a uma breve descrição do evento para evidenciar a sua magnitude e para enquadrar o tema principal.

### 1.1. Sábado, dia 1 de novembro de 1755

Segundo relatos da época, quando faltavam, sensivelmente, quinze minutos para as dez horas, a terra tremeu em Lisboa, primeiro com uma sacudidela lenta, que cresceu de intensidade, provocando o desmoronamento de edifícios, abatendo-se sobre as pessoas que, alucinadamente, fugiam de casa para a rua (Carvalho, 2006).

Por ser dia de especial devoção cristã – Dia de Todos os Santos –, as igrejas da capital estavam cheias de fiéis que assistiam às celebrações, o que potenciou uma maior mortandade: as abóbadas, as colunas dos altares e as paredes laterais abateram-se sobre os fiéis, enquanto nuvens de poeira sufocavam os poucos que ainda conseguiam fugir do interior (Carvalho, 2006).

O abalo durou cerca de sete minutos. Mas não foi o único. Sucederam-se mais dois abalos nesse dia, igualmente violentos, um às onze horas e outro às três da tarde, incentivando mais mortes (Carvalho, 2006) e destruição.

Mas “um mal nunca vem só”. Quem não foi apanhado pelos tremores foi apanhado pelos incêndios que deflagraram a partir do primeiro sismo: as velas acesas nos altares das igrejas e nos oratórios particulares e as brasas dos fogareiros das cozinhas pegaram fogo a material combustível, como panos e roupas (Carvalho, 2006).

Perante estas calamidades, os lisboetas, assustados, pensaram que estariam a salvo junto de locais descobertos, sobretudo nas margens do rio Tejo, no Terreiro do Paço e na Ribeira. Mas não foi o que sucedeu. Quando se pensava que o pior já tinha acontecido, um maremoto irrompeu pelo rio, engolindo tudo o que lhe apareceu à frente. Resultado: quem escapou aos sismos e aos incêndios não escapou às águas...

Não chegando esta trilogia de desgraças (sismos, fogo e maremoto), houve quem quisesse enriquecer à custa da tragédia, mediante o saque. Na procura de impedir que estes crimes continuassem, o rei D. José I (1750-1777) ordenou que os que eram apanhados em flagrante fossem sentenciados sumariamente. Como resultado desta ordem real, foram mandadas enforcar cerca de três dezenas de pessoas nos dias que se

seguiram ao Terramoto, das quais, onze portugueses, dez castelhanos, cinco irlandeses, três oriundos de Sabóia, um polaco, um flamengo e um *mouro*. Os registos da época referem que o montante em dinheiro resultante dos furtos foi de cerca de duzentos mil cruzados (Ferreira, 2016, p. 156).

Como até agora exposto, quando o tema é o Terramoto de 1755, a atenção centra-se, com razão, na cidade de Lisboa. Todavia, os efeitos devastadores sentiram-se um pouco por todo o Portugal, com destaque para o Algarve.

Como o Terramoto teve o seu eventual epicentro a sudoeste de Sagres, o Algarve terá sido, possivelmente, a zona mais afetada, seguidamente a Lisboa. Os testemunhos relatam que, em Lagos, houve muitos edifícios arruinados e centenas de mortos; em Faro, contam-se cerca de duzentos mortos a somar à destruição de imóveis (Fidalgo, 2020); em Silves, terão morrido também cerca de duzentas pessoas; em Albufeira, há relatos de quinhentos mortos; e em Tavira e Castro Marim, registaram-se duzentas e cinquenta e cento e oitenta vítimas, respetivamente (Ferreira, 2016, p. 225).

O evento também foi sentido no Norte de Portugal. No concelho do Porto, os párcos relatores das Memórias Paroquiais de 1758 das freguesias de Nevogilde, de Santo Idefonso e da Vitória informaram que o impacto provocou alguma ruína. De todos os testemunhos de párcos portuenses, o mais aterrorizante terá sido o do padre Manuel de Pilar Lobo, da freguesia de Massarelos, que, presenciando os efeitos do Terramoto, escreveu que o evento foi um sinal da ira divina, em que a terra quis enterrar os vivos e o mar sepultar a terra (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 595).

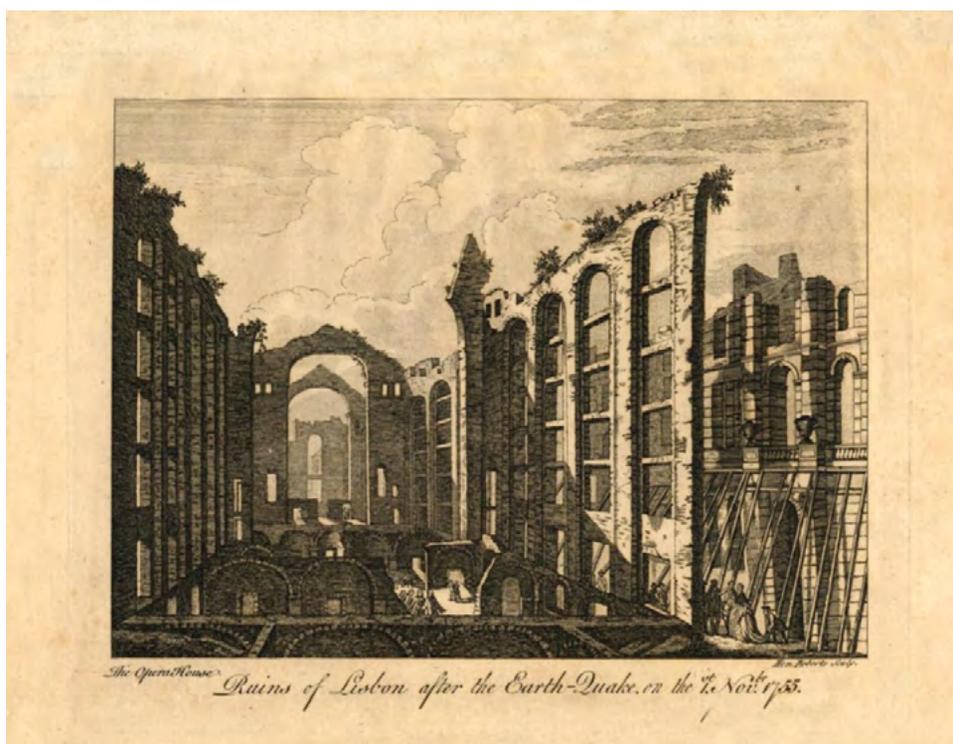
Embora consideremos este testemunho um pouco exagerado, na forma como descreveu os efeitos dos sismos e do maremoto, este mesmo relato apresentou uma das justificações para o acontecimento que, aliás, foi vulgar na época, como teremos a oportunidade de o evidenciar ao longo deste artigo: o Terramoto foi uma maneira de Deus castigar os Homens. Portanto, o evento não foi explicado do ponto de vista natural, como um fenómeno da natureza, mas como um evento divino, de castigo.

O párcos de Massarelos não foi o único a imprimir um pendor aterrorizante e exagerado, na nossa opinião, ao impacto do evento no Porto. Um outro relato, do senhor padre Manuel Fonseca, da freguesia de Fonte Arcada, Penafiel, informou que houve um movimento de águas no rio Douro que deixou a descoberto a areia do fundo do rio e que na Ribeira do Porto as águas submergiram um navio (Silva, 1939, p. 11).

Este mesmo párcos também relatou situação semelhante no rio Tâmega, em Amarante. Segundo ele, as águas do rio Tâmega saltaram por cima da ponte de São Gonçalo, ficando à mostra a areia do fundo (Silva, 1939, p. 11).

No concelho de Braga, os párcos das freguesias de Arcos, da Cividade, de Gondizalves, de Real (São Jerónimo), de Semelhe e de Tenões deram nota do sismo e que este causou alguns danos. Por exemplo, o párcos de Arcos informou que, primeiramente, sentiu-se um grande tremor ao qual se seguiram réplicas moderadas (Capela, 2003, p. 164), e o de Gondizalves referiu que o Terramoto “abriu a nave da Igreja” (Capela, 2003, p. 181).

O evento não se cingiu apenas a Portugal. Sabe-se que foi sentido em Espanha, no norte de África, nas costas do Mediterrâneo, na Europa Central, em Inglaterra,



**Figura 1.** Gravura das ruínas da Casa da Ópera, em Lisboa, após o Terramoto (Roberts, c.1755-1790).

na Irlanda, na Suécia, na Noruega e até do outro lado do Atlântico (Carvalho, 2006). Por exemplo, na Ilha de Barbados (nas Pequenas Antilhas, nas Índias Ocidentais), o evento sentiu-se às duas da tarde num movimento anormal das águas que perdurou até às dez da noite (Ferreira, 2016, p. 183).

Pelo evidenciado até ao momento, este não foi um terramoto focalizado em Lisboa. Foi um evento quase global, embora a zona mais atingida em termos humanos e materiais tenha sido a capital portuguesa.

Segundo diversos estudos, este sismo terá sido um dos maiores, se não mesmo o maior, que afetaram a Península Ibérica e a Europa. A sua magnitude terá atingido o valor de 8,7 na escala de Richter e a extensão do campo macrossísmico associado situa-o entre os maiores a nível mundial. O mesmo sucedeu com o maremoto, que terá sido um dos maiores que atingiu Portugal Continental, apenas comparável aos que ocorreram, talvez, no ano de 63 ou 60 a.C. e no ano de 382 (Nunes, 2010, p. 33) da nossa Era.

A destruição e o número elevado de mortos e feridos na sequência dos sismos e dos eventos associados (incêndios e maremoto) tornaram o Dia de Todos os Santos de 1755 numa data marcante para a humanidade.

## 1.2. Um antes e um depois do Terramoto

Com base em estudos e ensaios de diversos autores, Filomena Amador (2007, p. 286) considerou que este Terramoto foi, provavelmente, o fenómeno natural que maior impacto teve, a níveis científico e filosófico, na história da humanidade, estando provado nos textos produzidos nas décadas seguintes ao Terramoto, publicados na imprensa periódica, na forma de folhetos e em livros de formato pequeno.

Um pouco por toda a Europa, diversos pensadores dedicaram ensaios ao sucedido, fazendo abalar os ideais iluministas, como fez Immanuel Kant (1724-1804), com três ensaios (Santos, 2016, p. 21), nos quais procurou explicar cientificamente que os sismos tinham causas naturais, passando por Voltaire (1694-1778) que, com o poema “Poème sur le désastre de Lisbonne”<sup>1</sup>, questionou a bondade do Criador sobre o bem e o mal, até Jean-Jacques Rousseau (1712-1778)<sup>2</sup> que, opondo-se à visão fatalista de Voltaire, responsabilizou o Homem, através dos seus erros, pela corrupção da harmonia da criação (Ferreira, 2016, pp. 176-177).

O evento teve, de facto, enormes repercussões não apenas nas áreas citadas por Amador (2007), mas igualmente a outros níveis, como económico, político, religioso ou urbanístico. Seguem-se exemplos nacionais e internacionais para o ilustrar.

Em Portugal, e do ponto de vista económico, calcula-se que o montante das perdas económicas causadas pelo Terramoto possa ter correspondido a cerca de 75% do valor do Produto Interno Bruto (PIB) desse ano, o que evidencia o impacto demolidor na economia nacional (Fidalgo, 2020). Em termos políticos, o Terramoto abriu caminho à ascensão de Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782) – futuro 1.º Marquês de Pombal, entre 1769-1782 – (Fidalgo, 2020), num primeiro momento na ação de restituição da ordem pública e na reconstrução de Lisboa e num segundo momento no reforço do poder régio, evidente no designado “Processo dos Távoras”<sup>3</sup> e na expulsão da Companhia de Jesus.

O mesmo se demonstra em termos sociais e urbanísticos, sobretudo na capital portuguesa, onde a destruição e a morte tiveram maior impacto.

Numa cidade densamente populosa e urbanizada como era Lisboa, com cerca de duzentos mil habitantes e vinte mil edifícios, calcula-se que o Terramoto terá provocado cerca de cinco mil mortos no próprio dia e mais cinco mil ao longo do mês de novembro, destruiu 10% das casas, enquanto dois terços ficaram inabitáveis. Já o fogo que se seguiu, destruiu um terço da cidade. No total, cerca de dezassete mil casas colapsaram (GEO, 2007). Todas as classes sociais, sem exceção, sofreram com o evento, e a cidade teve de se reerguer urbanisticamente. A Lisboa de antes do dia 1 de novembro praticamente desapareceu.

<sup>1</sup> Numa tradução livre, o *Poema sobre o desastre de Lisboa* foi publicado em 1756, em Genebra (Santos, 2016, p. 22).

<sup>2</sup> Em resposta ao poema de Voltaire, Rousseau escreveu a *Lettre à Monsieur de Voltaire [Carta ao senhor Voltaire]*, publicada em agosto de 1756 (Santos, 2016, p. 22).

<sup>3</sup> Processo como ficou conhecida a alegada tentativa de assassinato do rei D. José I, em 1758.

No reino de Espanha, o Terramoto foi de tal modo aterrador que chegou a ser equiparado ao episódio bíblico do Dilúvio (Ferreira, 2016, p. 182), narrado no Antigo Testamento, no livro de Génesis 6-7.

Como uma das razões apresentadas para o evento foi a ira divina, porque o Homem se afastou dos ensinamentos de Deus, o Terramoto acabou por servir de mote para fanatismos religiosos na Europa. Em Inglaterra, em 1756, um membro do Parlamento pediu o regresso aos ensinamentos de Moisés como forma de prevenir um evento semelhante, porque, em matéria de corrupção, o povo inglês em nada ficava a dever aos portugueses (Ferreira, 2016, p. 177).

Por conseguinte, este Terramoto marca um antes e um depois, porque veio abalar a forma como se interpretava o mundo. E, ainda hoje, continuamos a relembrar esse evento, o que demonstra o impacto que teve.

## 2. O Terramoto de 1755 em Terras do Sousa

### 2.1. As fontes de informação

Atendendo aos recursos informativos existentes sobre o tema para as Terras do Sousa, este estudo baseia-se em dois relatos pessoais, transcritos por terceiros, e nas Memórias Paroquiais de 1758.

Uma das fontes que serve de base a este estudo é uma notícia do evento, de 12 de novembro de 1755, e publicada na *Gazeta de Lisboa* em janeiro de 1756. Nesta notícia, o gazetista relata a viagem de um fidalgo conhecido, embora não divulgue o seu nome, na sua deslocação entre Arrifana de Sousa (Penafiel) e Guimarães, descrevendo as reações ao Terramoto nos concelhos pelos quais foi passando, com destaque para os de Lousada e de Paços de Ferreira.

O outro relato pessoal que serve de base a este estudo é um manuscrito, do senhor padre Manuel Fonseca, da freguesia de Fonte Arcada, do concelho de Penafiel, já citado anteriormente, que se encontra num livro de notas e receitas escrito pelo próprio, e posteriormente transcrito e publicado por Domingos Rosas da Silva (1896-1967)<sup>4</sup> num artigo sobre o Terramoto no Porto, designado por *A cidade do Porto e o terramoto de 1755 (alguns documentos)*, publicado em 1939.

Não sabemos se este religioso era o pároco de Fonte Arcada. Possivelmente, residia na freguesia, mas não era o seu responsável religioso, em virtude de não ter sido ele a assinar a Memória Paroquial de 1758 desta freguesia ou de outras freguesias desse concelho.

Neste relato, o senhor padre descreveu sucintamente o Terramoto, numa linguagem que permite perceber que ficou assustado, acabando por trespassar esse sentimento

<sup>4</sup> Engenheiro, geólogo, professor catedrático de Mineralogia e Geologia da Universidade do Porto e Diretor do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências da mesma universidade (UP, 2011).

para o manuscrito, ao elogiar repetidamente Deus como o Salvador: “Loubado seja Deos” (Silva, 1939, pp. 10-12).

Como referido, este estudo também se baseia nas Memórias Paroquiais de 1758 do distrito do Porto, transcritas e editadas por José Viriato Capela, em 2009.

As designadas Memórias Paroquiais de 1758 são o resultado da aplicação ao território continental português do Inquérito de 1758, construído pelo padre Luís Cardoso (c. 1694-1769), e que se tornou num instrumento importante para o governo de D. José I e do seu ministro, Sebastião José de Carvalho e Melo, alargar o conhecimento histórico-geográfico do território nacional (Capela, 2001, p. 14)<sup>5</sup>.

Estas Memórias são uma fonte de informação relevante devido à existência de uma pergunta concreta sobre os efeitos do sismo em Portugal: “26. Se padeceu alguma ruína no Terramoto de 1755 e em quê e se está reparada?”. Através desta pergunta conseguimos saber minimamente como nos concelhos em estudo se sentiu o evento. No entanto, os dados descritos na pergunta 26 devem ser vistos com alguma prudência, porque foram efetuados pelos senhores padres, estando dependentes do conhecimento que tinham dos efeitos do sismo na sua paróquia e da vontade em escrever, com maior ou menor pormenor, o que se passou.

Se no primeiro capítulo deste artigo foi referido que parte significativa do mundo sentiu e sofreu com o Terramoto, seria estranho que o território das Terras do Sousa passasse incólume ao evento. É o que iremos analisar seguidamente, constituindo o assunto principal deste trabalho.

## 2.2. O Terramoto de 1755 nas Terras do Sousa

As denominadas Terras do Sousa localizam-se nas proximidades da Área Metropolitana do Porto, na direção nordeste. É um território que ocupa uma área de 652,31 km<sup>2</sup>, que se estende ao longo da bacia hidrográfica do rio Sousa, o qual nasce na freguesia de Friande, no concelho de Felgueiras, e se estende de norte para sul, pelos concelhos de Lousada, Paços de Ferreira, Penafiel e Paredes, desaguando na margem direita do rio Douro (Ader-Sousa, 2018), na freguesia de Foz do Sousa, já no concelho

<sup>5</sup> Contrariamente ao que se possa pensar, o Inquérito de 1758 não foi concebido de propósito para verificar os efeitos do sismo. Após o evento, a 20 de janeiro de 1756, a Secretaria de Estado dos Negócios Interiores do Reino dimanou um inquérito específico, enviado em carta circular às autoridades eclesíásticas, para saber dos danos causados pelo sismo. Ou seja, existiu um inquérito direcionado para as consequências do sismo. Mas pouco se conhece das respostas, devido às não-respostas ou à fraca implementação do inquérito no território nacional (Capela, 2001, p. 27). De facto, o Inquérito de 1758 contém um item – o 26 – para se ficar a saber os danos causados pelo Terramoto. Todavia, não se pode considerar que a origem deste instrumento informativo estivesse no desastre, mas na continuação do inquérito iniciado em 1732, cuja informação recolhida se perdeu com a destruição no dia 1 de novembro (Capela, 2001, p. 27). Por conseguinte, o Inquérito de 1758 não foi propositadamente construído por causa do Terramoto, mas encontra-se inserido no processo de recolha informativa sobre o território, iniciado nas décadas de 20 e 30 dessa mesma centúria.

de Gondomar. Os primeiros cinco concelhos indicados constituem a área territorial das Terras do Sousa<sup>6</sup>, sendo estes que estão em análise neste estudo.

Como mencionado, este trabalho baseia-se numa notícia publicada na *Gazeta de Lisboa*, num manuscrito do senhor padre Manuel Fonseca e nas Memórias Paroquiais, porque as informações sobre o evento para as Terras do Sousa são poucas. Uma abordagem geral efetuada pela bibliografia produzida ao longo das últimas décadas evidencia que este não foi um tema muito abordado em obras monográficas sobre a história destes concelhos.

Deste modo, é importante conhecer minimamente os efeitos do Terramoto neste território, para se conhecer um pouco mais a sua história e demonstrar que o evento não se cingiu apenas aos locais tradicionalmente mencionados.

Analisemos, de seguida, o que as fontes de informação nos transmitem sobre o evento, analisando os cinco concelhos por ordem alfabética.

Para o concelho de Felgueiras, a primeira perceção, com base nas Memórias Paroquiais, é que os senhores padres não deram importância ao acontecimento. Das trinta e duas<sup>7</sup> paróquias, em treze delas os relatores não fazem qualquer menção ao Terramoto no item 26. A par com este dado, na Memória de Idães, o pároco relator deu mais importância a um outro fenómeno natural, que ocorreu em 1751 – eventualmente, um deslizamento de terras –, do que ao sismo, chegando a descrever o deslizamento de terras com pormenor.

Apesar da pouca importância atribuída, tivemos párocos que entenderam o Terramoto como um sinal de Deus, um aviso divino, como narrou o de Sendim quando escreveu que “ficou o cruzeiro da capela mor desta freguesia retrozido, e para memoria dos havizos de Deus, ainda hoje assim se conserva sem reparo da composição.” (Capela, Matos e Borrallheiro, 2009, pp. 249-250).

Apenas dois párocos, o de Regilde e o de Revinhade, sugerem que as populações ficaram surpresas quando atestaram que o sismo levou à admiração dos povos e abalou fortemente as habitações (Capela, Matos e Borrallheiro, 2009, pp. 245-246).

Quanto à destruição causada, nove párocos indicaram danos nos seus edifícios religiosos, embora não muito consideráveis. Os danos mais visíveis foram nas freguesias de Aião, Pombeiro e Sendim.

A igreja de Aião terá sido, se acreditarmos no relato do pároco, o imóvel mais afetado deste concelho. O Terramoto originou diversas fendas no edifício:

“A capella mor desta igreja no Terramoto de mil e settecentos e conçoenta e cinco, para a parte do sul, entre as friestas e o arco da igreja, fez hua abertura que em parte lhe cave três dedos e em parte dous. E para a parte do Norte, ao mesmo direito, por cima

<sup>6</sup> Não confundir Terras do Sousa com o Vale do Sousa, traduzindo esta última designação uma sub-região, integrada na NUTS III – Tâmega e Sousa, da qual fazem parte os cinco concelhos mencionados e o concelho de Castelo de Paiva, num total de seis municípios, e com uma área aproximada de 766,80 km<sup>2</sup> (VALSOUSA, 2011). Para o presente estudo, baseámo-nos, apenas, no território historicamente intitulado por Terras do Sousa e não no território administrativamente designado por Vale do Sousa.

<sup>7</sup> De referir que não existe Memória Paroquial para Macieira da Lixa, o que contabilizaria trinta e três paróquias.



**Figura 2.** Igreja de São João de Aião (atualidade), um dos imóveis atingidos pelo Terramoto em Felgueiras.

da friesta fez outra abertura, esta com maior grandeza, que em parte lhe cave quatro dedos, dê o principio do frizo até abaixo da friesta toda. E o corpo da igreja para a parte do Norte, digo do Sul, fez outra abertura. Abaixo da porta traveça caíram as vollos que estavam sobre as ameias de pedra seis, só ficaram duas em cima.” (Capela, Matos e Borrallheiro, 2009, pp. 226-227).

Uma outra igreja afetada foi a do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro. A abóbada da capela-mor da igreja ficou danificada e um dos dormitórios do mosteiro – possivelmente, o nascente – também sofreu estragos. Todavia, os danos não terão sido de grandes proporções, porque, em 1758, os monges beneditinos já tinham efetuado as obras de reparação.

Estas informações são, de certo modo, corroboradas pelo *Estado* do Mosteiro de Pombeiro para o triénio de 1755-1758, no qual são referidos os estragos, mas sem indicar a causa destes, e as obras efetuadas:

“Na Igreja se reformou metade da capela mor de estuque por estar a abobeda de pedra com grande perigo de vir abaixo. [...] Fesse de novo a mayor parte do Dormitorio da parte do nascente e correuse o solho do mesmo dormitorio; com muita madeira nova.” (ADB, 1755-1758, fl. 11r).

Em Sendim, a parte mais danificada terá sido a zona do cruzeiro da capela-mor que ficou “retrozido” [retorcido] e que em 1758 ainda não tinha sido reparado para servir de exemplo dos avisos de Deus (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 249).

De salientar, e como teremos a possibilidade de verificar nos restantes testemunhos paroquiais, que os relatos de danos por parte dos párocos vão estar centrados nos edifícios religiosos, fruto desses depoimentos terem sido efetuados por padres que estavam preocupados, acima de tudo, com o património à sua guarda. Por conseguinte, se existiram estragos em edifícios religiosos, o mesmo ter-se-á verificado em edifícios civis, embora não se consiga, com rigor, quantificá-los.

Apesar disto, um ou outro relator acabou por identificar estragos em imóveis civis. O pároco de Borba de Godim indicou que as casas sofreram alguns estragos e que no Paço de Borba<sup>8</sup> caíram colunas e o arco frontal ficou arruinado (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 230).

Por estes relatos, o Terramoto, em Felgueiras, parece não ter produzido grande memória ou destruição maior. Causou alguns estragos, mas nada que pusesse em causa as vidas humanas e os edifícios. Nota-se, contudo, algum clamor em redor do Terramoto, considerando-o como um castigo de Deus.

Se para Felgueiras tivemos religiosos que sentiram o acontecimento como castigo de Deus, no concelho de Lousada os párocos consideraram que não houve danos a registar, porque foi Deus que os salvou. Ou seja, uma visão diferente sobre o divino.

O relator de Alvarenga considerou que este “formidável tremor” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 296), que abalou igrejas, casas e toda a terra, não causou ruínas devido à Divina Providência e à Virgem Santíssima. Já o pároco de Aveleda referiu que não houve ruínas, porque foi um favor de Deus (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 298). O pároco de Figueiras também segue a mesma ideia, quando considerou que a freguesia não padeceu qualquer dano devido à misericórdia de Deus (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 310).

De facto, do total de vinte e seis relatos de Lousada, apenas um mencionou estragos, embora menores. Esses estragos aconteceram na freguesia de Cristelos, cingindo-se a algumas pedras que caíram do campanário da igreja:

“Nam [h]ouve nesta freguezia ruina de consideraçam com o Terremoto de terra, tam somente cahiram as bollas de pedra das piramidas do campanario dos sinos, que pezariam três arrobas cada huma, e ainda se lhe nam puzeram” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, pp. 308-309).

Perante estes dados, Lousada foi um dos concelhos eventualmente menos afetados pelo evento de 1755. Aliás, do total de vinte e seis relatos, em seis deles os párocos não fazem menção ao evento.

<sup>8</sup> Solar de origens desconhecidas, embora se saiba da sua existência desde o século XV e que pertenceu à família Coutinho, tendo alguns dos seus membros sido senhores e alcaides em Celorico de Basto. O imóvel ficou nesta família até à extinção dos morgadios, em 1860 (Fernandes, 1989, p. 58).



**Figura 3.** Igreja de Santo André de Cristelos (atualidade), um dos imóveis atingidos pelo Terramoto em Lousada.

Todavia, se lermos a notícia da *Gazeta de Lisboa* (1756, p. 15), a situação é relativamente diferente. O gazetista indicou que houve estragos nas freguesias da Ordem e de Lustosa. Na primeira freguesia, os fiéis que assistiam à celebração religiosa fugiram assustados para o exterior da igreja, as telhas do telhado levantaram, bem como caíram pedras da sacristia. Situação semelhante também sucedeu em Lustosa: as pessoas que assistiam à celebração religiosa fugiram para o exterior, as telhas levantaram e a cruz do remate do frontispício virou para norte.

Esta notícia vem evidenciar que os relatos dos senhores párocos, possivelmente, não foram tão pormenorizados como se poderia esperar. Pode ter sucedido que os senhores párocos se tenham esquecido de certos detalhes, porque os seus relatos foram efetuados em 1758, enquanto a notícia da *Gazeta de Lisboa* é de 12 de novembro de 1755, isto é, poucos dias depois de o evento ter acontecido.

Para o concelho de Paços de Ferreira, as informações nas Memórias Paroquiais são poucas, podendo-se considerar que o acontecimento foi pouco valorizado.

Do total de dezasseis paróquias com testemunhos, apenas em quatro delas temos menções ao Terramoto e apenas em duas delas são referidos alguns danos, mas nada de grave, refletindo-se na abertura de fendas em algumas casas e igrejas.

Neste concelho, uma das razões também apresentada para não existirem estragos e vítimas foi a misericórdia de Deus:

“No dia do Terremoto de 1755 tudo nestas partes tremeo e abalou. Mas ainda que fez alguas aberturas, contudo a misericordia de Deus nam fez destruição” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 454).

Como sucedido para Lousada, ficamos com a dúvida se os relatores das Memórias Paroquiais identificaram todos os estragos. Justificamos esta opinião com a notícia da *Gazeta de Lisboa* (1756, p. 16), que expôs estragos em casas em Freamunde, quando escreveu que “cahiram com o terramoto humas casas térreas” (Gazeta de Lisboa, 1756, p. 16).

Se para Paços de Ferreira as informações são poucas, o contrário encontramos para o concelho de Paredes. No total dos vinte e quatro registos paroquiais, apenas cinco párocos não fizeram menção ao Terramoto. Nos restantes, com mais ou menos informações, todos notaram que a terra tremeu.

Diferem, contudo, quanto à interpretação do acontecimento. Se para uns, como o pároco de Rebordosa, foi uma coisa quase ligeira, sentindo-se apenas o abalo, para o de Vila Cova de Carros, foi algo memorável, intitulado-o como um formidável terramoto. Contudo, o terror e o medo foram sentimentos presentes. O relator de Astromil assumiu que o “grande” abalo atemorizou a freguesia e as suas vizinhanças quando escreveu que “Nesta freguesia e suas vezinhanças nos aterrou o aballo do grande Terremoto” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 472).

Como nos restantes concelhos analisados, não se registaram vítimas. No entanto, Paredes parece ter sido o concelho mais atingido em termos de destruição material. Os relatos evidenciam-no. As Memórias Paroquiais de Baltar, Besteiros, Bitarães, Castelões de Cepeda, Cristelo, Gondalães, Louredo, Mouriz e Vandoma descrevem diversos danos, mas em pequena escala. O abalo atingiu edifícios religiosos, mas também casas e edifícios de apoio à agricultura. Por exemplo, o relator de Baltar indicou a destruição de um palheiro e danos na igreja:

“Que cahiram algumas paredes dos campos e hum palheiro, e tudo se acha reparado. O braço da cruz da capella mor desta igreja deu meia volta, e assim está para memoria” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 473).

Terá sido na freguesia de Mouriz que ocorreram os maiores estragos, tanto ao nível de edifícios religiosos como civis. Citemos a passagem dessa Memória Paroquial:

“Esta parochial igreja foi arruinada na capella mor, na parte do Norte, com também algumas cruces della se moveram dos seus lugares. E as cazas desta residencia se arruinou parte de huma costam da parte do mesmo Norte. As cazas de Manoel Gomes, da Quinta do Monte se arruinaram em huma costam, da mesma parte do Norte. A capella de Jozé Luis de Lemos, do lugar de Moreira, lhe lançou huma cruz abaixo da sua capella, e também humas ameias das portas fronhas, o que tudo está reparado.” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 499).

Tal como verificado nos anteriores concelhos estudados, falta saber se os relatos paroquiais de Paredes são totalmente verosímeis.

Embora o relator da Memória Paroquial de Sobreira tenha escrito que a freguesia não padeceu qualquer dano, o padre Manuel Fonseca, da freguesia de Fonte Arcada, no seu manuscrito, mencionou que na igreja de Sobreira caiu a imagem de Santa Ana, ficando com um braço partido (Silva, 1939, p. 10). Este apontamento vem evidenciar a necessidade de se relativizar os testemunhos que até nós chegaram desse evento e de questionar se esses testemunhos relatam com exatidão o que se passou. Neste caso,



**Figura 4.** Igreja de São Romão de Mouriz (atualidade), um dos imóveis atingidos pelo Terramoto em Paredes.

um pároco de um concelho vizinho indicou danos numa igreja de um outro concelho, apesar de o pároco residente e competente para o efeito não o ter mencionado. Possivelmente, este último não deu importância ao sucedido.

Por fim, falta analisar os dados informativos para Penafiel. Este concelho é o que apresenta maior número de paróquias e, simultaneamente, de relatos, num total de quarenta e cinco. Aparentemente, o Terramoto não provocou muita destruição.

No entanto, as informações permitem perceber que o Terramoto foi percebido de diferentes maneiras. Uma delas, em termos temporais. Segundo o pároco de Pinheiro, o Terramoto fez-se sentir durante meia hora – “por tempo de meia hora” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 558). Embora não tenha tido essa durabilidade, o facto é que a sua duração aparentou ter sido uma “eternidade” para o pároco relator.

A par da durabilidade, noutros relatos passa a percepção de ter sido um evento que provocou medo na população e nos párocos. O relator de Eja considerou-o como um “fatal e tremendo terramoto” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 532), o de Perozelo fala no “terror que se sentio varias vezes” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 557), enquanto o seu homólogo de São Mamede de Recesinhos considerou que foi sentido “bastantemente” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 567). Já o padre Manuel Fonseca, da freguesia de Fonte Arcada, no seu manuscrito, testemunhou como viveu e sentiu na primeira pessoa o evento:

“Em dia de todos os Santos primeyro de nbro de 1755 das 9 p.a as des horas da manhã houve hũ terremote nesta terra q durou p.a sima de hũ coarto de hora. Es-

tava hũ Clerigo na Igreja desta freg.a de Fontearcada a dizer missa, no tempo que hia continuando com o primeyro Evangelho succedeo o terremote donde elle fugio pa a Sachristia e a gente pella Igreja fora, o Clerigo se chama o Pe João Pinto. Eu no mesmo tempo estando a tomar o sol da banda da porta principal no adro. Tocarão por si no mesmo tempo os sinos desta Igreja, o do clerigo Pinto elle tornou finalizar a missa. Loubado seja deos nosso Senhor.” (Silva, 1939, p. 10).

O mesmo pároco também relatou como as duas ordens religiosas de Paço de Sousa vivenciaram o momento. Segundo o relato, enquanto os beneditinos saíram do mosteiro e foram para o alto junto de Santo Amaro, os jesuítas, que estavam na Casa da Companhia, fugiram para os campos (Silva, 1939, p. 11).

Atendendo à intensidade do abalo, acabou por haver estragos neste concelho. A freguesia mais atingida terá sido a de Canelas: na Quinta de Santa Cruz, parte da capela cedeu, algumas casas sofreram danos e, na igreja, a imagem do orago caiu e ficou em pedaços (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 524).

Ainda que o relator da Memória Paroquial de Lagares tenha referido que não houve estragos, o padre Manuel Fonseca indicou que caiu bastante azulejo do corpo do arco da igreja e que também caiu um anjo do altar-mor, partindo um braço (Silva, 1939, p. 10).

Visões diferentes também se constataam para a freguesia de Paço de Sousa. Enquanto o relator da Memória Paroquial não indicou a existência de estragos, já o padre Manuel Fonseca mencionou que duas colunas da fachada da igreja caíram e ficaram em pedaços (Silva, 1939, p. 11) e que também foi derrubado o chafariz do claustro (Silva, 1939, p. 12) da casa monacal.



**Figura 5.** Vista aérea do Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa e sua envolvente (atualidade). Segundo o padre Manuel Fonseca, este Mosteiro terá sido um dos imóveis atingidos pelo Terramoto em Penafiel (Rota do Românico, 2013).

Notam-se, novamente, contradições nos relatos sobre o evento, podendo evidenciar as diferentes formas como foi encarado. Possivelmente, muitos párocos viram a queda de algumas pedras como algo normal e sem necessidade de ser relatado, enquanto Manuel Fonseca já o entendeu para o excesso. Como é lógico, este sacerdote não presenciou o acontecimento em todas as freguesias e, deste modo, o seu relato poderá ter sido influenciado pelos diversos relatos populares, no sentido do ditado “quem conta um conto aumenta um ponto”, o que poderá ter ajudado a amplificar a sua ideia do que realmente aconteceu.

De destacar, igualmente, sendo extensível para a quase totalidade dos edifícios danificados, a rápida reconstrução ou reparação do património afetado. Os párocos referem esta situação. Dizem que o Terramoto provocou danos, mas rapidamente foram reparados. Ou seja, houve o cuidado das populações (párocos e particulares) em avançar rapidamente para a reparação dos estragos provocados pelo sismo.

Para finalizar, devemos salientar que não faltaram definições, algumas originais, para caracterizar o Terramoto, bem como os fenómenos que o antecederam e que foram entendidos como prenúncios do que iria suceder no dia 1 de novembro.

Curiosa definição foi dada pelo relator da Memória de Arreigada, que comparou os imóveis a navios quando mencionou que nenhuma casa naufragou: “Não padeceo naufragio” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 451). Já o gazetista de Lisboa, recorrendo à linguagem militar, descreveu o Terramoto como um grande estrondo que parecia uma peça de artilharia disparada desde a cidade do Porto (Gazeta de Lisboa, 1756, p. 15).

Quanto aos prenúncios, as fontes de informação mencionam eventos estranhos antes de o sismo acontecer. A *Gazeta de Lisboa* (1756, p. 16) mencionou que, ao nascer do sol desse dia, muitas pessoas viram no céu duas espadas de fogo em luta. Embora o jornalista desvalorizasse este fenómeno, justificando-o com a hipótese de ser uma ilusão de vista, o pároco Manuel Fonseca referiu um evento semelhante. Segundo o pároco, na madrugada anterior ao Terramoto, muitas pessoas viram no céu duas estrelas cadentes cujas caudas estavam uma por cima da outra, separando-se depois e, passado pouco tempo, as caudas começaram a lutar entre elas (Silva, 1939, p. 11).

Será que estas lutas no céu, de espadas e de estrelas cadentes, seriam avisos divinos que algo de errado estaria para acontecer?

### 3. Reflexões finais

Apesar de as Terras do Sousa estarem a centenas de quilómetros do epicentro do Terramoto, este acabou por se sentir neste território.

Embora o Inquérito de 1758 tivesse uma pergunta sobre o Terremoto, nota-se que muitos relatores não lhe fizeram menção, podendo ser o resultado de não terem existido danos, de os párocos não terem conhecimento desses danos ou de terem desvalorizado o evento. Todavia, temos igualmente o oposto, evidente no manuscrito do padre de Fonte Arcada e na notícia da *Gazeta de Lisboa*, que identificaram estragos não descritos pelos párocos. Apesar deste desencontro, verificamos, sobretudo no relato do pároco de Fonte Arcada, algum exagero na sua linguagem, principalmente quando referiu o que aconteceu nos rios Tâmega e no Douro e no Mosteiro de Paço de Sousa. Possivelmente, o estado de espírito dele e da população em geral no momento do evento terá contribuído para inflacionar o que se passou. No entanto, este testemunho não deixa de ser uma prova de que o evento criou medo.

A maior parte ou a quase totalidade dos estragos mencionados foram em edifícios religiosos. Faltam indicações para imóveis civis e públicos. O facto de terem sido relatos efetuados por religiosos e, deste modo, centrados na sua vocação e no que lhes é mais direto, terá influenciado o que registaram. Esta acaba por ser uma lacuna para se conhecer com profundidade os danos materiais do Terramoto.

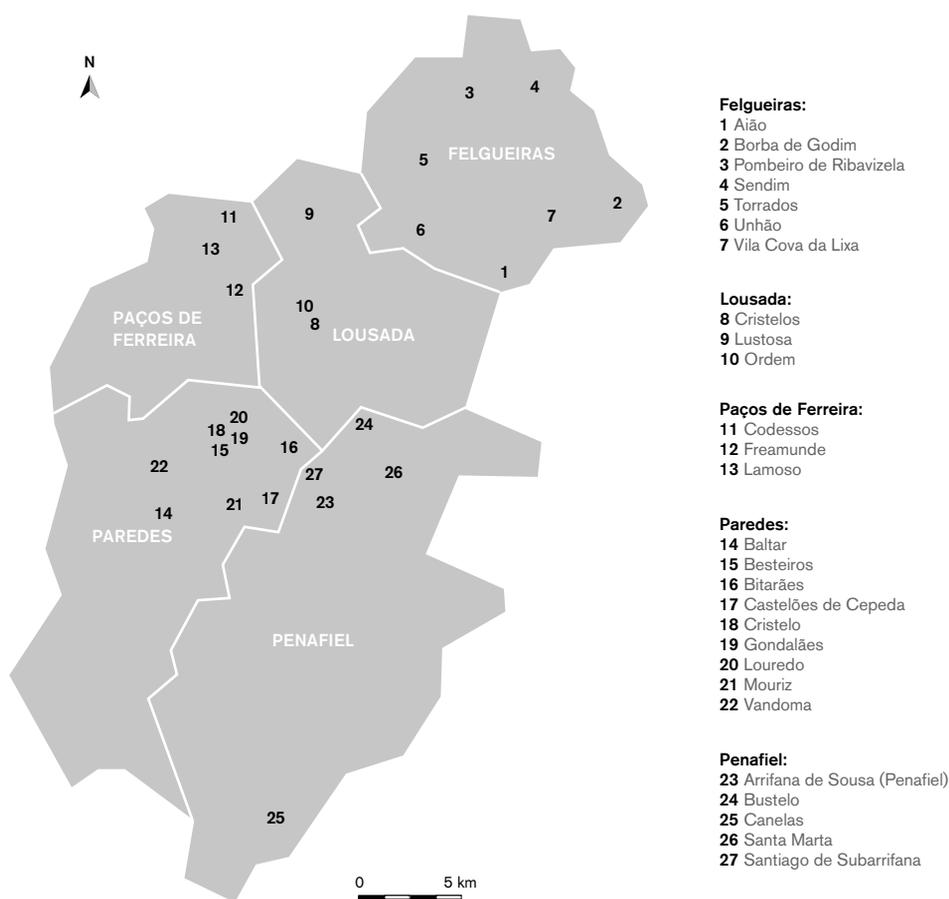
Apesar das dúvidas, os relatos dos párocos e do gazetista demonstram que o Terramoto foi sentido nas Terras do Sousa. O concelho de Paredes parece ter sido o mais atingido, enquanto os de Lousada e de Paços de Ferreira foram os menos atingidos.

Em jeito de resumo visual, o mapa<sup>9</sup> seguinte apresenta todas as freguesias das Terras do Sousa que sentiram o abalo.

Quanto à explicação para o sucedido, os testemunhos evidenciam uma dualidade centrada em Deus: para uns, foi um castigo de Deus; para outros, foi a bondade de Deus que evitou o pior. Não se procuraram razões de ordem natural, mas, sim, as divinas. As maneiras de encarar e de viver o mundo nessa altura contribuíram para se entender o fenómeno desta forma.

Apesar das contradições dos relatos, fica evidente que o Terramoto não se centrou apenas nos locais tradicionalmente indicados. Foi um fenómeno quase global e que se sentiu em todo o Portugal, incluindo nas Terras do Sousa, embora para esta região não se consiga concretizar o volume de estragos e a sua ordem de grandeza a nível emocional.

<sup>9</sup> Este mapa segue a divisão administrativa anterior à reorganização territorial das freguesias, em 2013, porque é a que melhor reflete a panorâmica das freguesias para este estudo. Não optámos pela reorganização de 2013, porque esta promoveu diversas uniões e mudanças nas designações das freguesias, podendo causar confusão no leitor e impedir a melhor compreensão do tema.



**Figura 6.** Mapa das Terras do Sousa com indicação das freguesias que sentiram o abalo, segundo as fontes de informação analisadas (mapa adaptado por Fedra Santos (2023) de Ader-Sousa (2018)).

### Nota Final

Agradecemos a colaboração de José Augusto Costa, Técnico Superior de História da VALSOUSA | Rota do Românico.

### Referências bibliográficas

#### Fontes

ADB – Arquivo Distrital de Braga. Estado do Mosteiro de Pombeiro. Triénio: 1755-1758. Fundo Monástico Conventual, Congregação de São Bento, Pasta 121.

Gazeta de Lisboa, 1756. *Guimaraens: 12 de Novembro*. [em linha] Hemeroteca Municipal de Lisboa. *Gazeta de Lisboa*, 8 janeiro, n.º 2, pp. 14-16. Acessível em: < [https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/GazetadeLisboa/1756/Janeiro/Janeiro\\_master/GazetadeLisboaJaneiro1756.PDF](https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/GazetadeLisboa/1756/Janeiro/Janeiro_master/GazetadeLisboaJaneiro1756.PDF)> [Consult. 23 março 2023].

Roberts, H., c. 1755-1790. *Ruins of Lisbon after the Earth-Quake, on the 1.st Nov. 1755 : the Opera House*. [imagem em linha] Biblioteca Nacional Digital. Acessível em: <<https://purl.pt/27605>> [Consult. 8 abril 2023].

Rota do Românico, 2013. [Vista aérea do Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa e sua envolvente]. [fotografia] (Lousada, Rota do Românico).

## Bibliografia

Ader-Sousa – Associação de Desenvolvimento Rural das Terras do Sousa, 2018. *Localização*. [em linha]. Disponível em: <<https://www.adersousa.pt/terras-do-sousa/localizacao-e-acessibilidade/>> [Consult. 20 fevereiro 2023].

Amador, F., 2007. O terramoto de Lisboa de 1755: coleções de textos do século XVIII. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 14, 1, pp. 285-323.

Capela, J. V., 2003. *As freguesias do distrito de Braga nas Memórias Paroquiais de 1758: a construção do imaginário setecentista*. Braga: [s.n.].

Capela, J. V., Matos, H. e Borralheiro, R., 2009. *As freguesias do distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758: memórias, história e património*. Braga: edição José Viriato Capela.

Capela, J. V., coord., 2001. *Fafe nas Memórias Paroquiais de 1758*. Fafe: Câmara Municipal.

Carvalho, R., 2006. *As interpretações dadas, na época, às causas do terramoto de 1 de Novembro de 1755*. [em linha]. Lisboa: Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://purl.pt/12157/1/estudos/terramoto.html>> [Consult. 22 novembro 2022].

Fernandes, M. A., 1989. *Felgueiras de ontem e de hoje*. Felgueiras: Câmara Municipal de Felgueiras.

Ferreira, M. A. D., 2016. *O socorro às vítimas do Terramoto de Lisboa (1755)*. Tese de doutoramento. Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica de Lisboa.

Fidalgo, A., 2020. *No Dia de Todos os Santos, a terra tremeu: o Algarve e o terramoto de 1 de Novembro de 1755*. [em linha]. Disponível em: <[http://www.lugaraosul.pt/home/no-dia-de-todos-os-santos-a-terra-tremeu-o-algarve-e-o-terramoto-de-1-de-novembro-de-1755\\_](http://www.lugaraosul.pt/home/no-dia-de-todos-os-santos-a-terra-tremeu-o-algarve-e-o-terramoto-de-1-de-novembro-de-1755_)> [Consult. 13 fevereiro 2023].

GEO – Gabinete de Estudos Olisiponenses, 2007. *O Terramoto de 1 de Novembro de 1755*. [em linha]. Lisboa: Disponível em: <[https://geo.cm-lisboa.pt/index.php?id=7519\\_](https://geo.cm-lisboa.pt/index.php?id=7519_)> [Consult. 26 fevereiro 2023].

Nunes, J. C., 2010. Sismicidade. In: Direcção Nacional de Planeamento de Emergência / Núcleo de Riscos e Alerta, coord., 2010: *Estudo do Risco Sísmico e de Tsunamis do Algarve*. Carnaxide: Autoridade Nacional de Protecção Civil. pp. 29-43.

Santos, L. R., 2016. Pensar a catástrofe, pensar a atualidade: os ensaios de Kant sobre o terremoto de Lisboa. *Studia Kantiana*, vol. 14, 20, pp. 21- 49.

Silva, D. R., 1939. *A cidade do Porto e o terramoto de 1755 (alguns documentos)*. Vol. XII. Porto: Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências do Porto.

UP – Universidade do Porto, 2011. *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto: Domingos Rosas da Silva*. [em linha]. Disponível em: <[https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20domingos%20rosas%20da%20silva](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20domingos%20rosas%20da%20silva)> [Consult. 9 fevereiro 2023].

VALSOUSA – Associação de Municípios do Vale do Sousa, 2011. *O Vale do Sousa*. [em linha]. Disponível em: <<https://www.valsousa.pt/valsousa/o-vale-do-sousa>> [Consult. 9 fevereiro 2023].